

POR UMA NOVA MUSICOLOGIA

*Maria Alice Volpe**

Resumo: A relevância da musicologia como disciplina se justifica em grande medida pelo seu potencial de se integrar no concerto das outras áreas de conhecimento. Para tanto, é necessário um constante re-equacionamento de seus paradigmas, propósitos e campo de atuação. Tais considerações se fazem oportunas numa época de crescente institucionalização da música na universidade brasileira, sobretudo com a proliferação dos cursos de pós-graduação por todo o país. Propõe-se uma reflexão sobre a interação da musicologia com as demais disciplinas, bem como sobre os problemas teórico-conceituais levantados pelas tendências recentes. A transdisciplinaridade emerge da constante preocupação por alternativas que permitam a elaboração de um discurso musicológico que transcenda as fronteiras da própria disciplina, sem abandonar as especificidades técnicas da linguagem musical. Visamos que a musicologia se torne efetivamente uma interlocutora do amplo espectro de conhecimento produzido na universidade.

A relevância da musicologia como disciplina se justifica em grande parte pelo seu potencial de se integrar no concerto das outras áreas de conhecimento. Para tanto, é necessário um constante re-equacionamento de seus paradigmas, propósitos e impacto social. Tais considerações se fazem extremamente oportunas numa época de crescente institucionalização da música na universidade brasileira, sobretudo com a proliferação dos estudos pós-graduados por todo o país.

Os resultados da pesquisa musicológica brasileira não têm gerado na comunidade acadêmica ou na sociedade mais ampla o mesmo

nível de interesse das demais disciplinas, como a história, a antropologia, a sociologia, os estudos literários e as artes visuais. A história cultural tem sido protagonista de disseminação significativa de estudos acadêmicos entre um público mais amplo. Trabalhos inovadores sobre a história do Brasil, como, por exemplo, *A formação das almas* (1990), de José Murilo de Carvalho, *As barbas do imperador* (1998), de Lilia Moritz Schwarcz, a série *História da vida privada no Brasil* (1997-99), coordenada por Fernando Novais, tem trazido as pesquisas mais recentes para um amplo espectro de leitores. A sociologia e a antropologia brasileiras, trazendo no seu bojo uma identidade própria, um pensamento crítico que não se alija das correntes internacionais, expressam continuamente sua vocação para o diálogo com a sociedade em figuras como Dante Moreira Leite, Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto Da Matta, Renato Ortiz, Marilena Chauí e tantos outros. A crítica literária tem compartilhado reflexões com o pensamento social brasileiro que se projetam nos estudos que se formaram em torno da figura maior de Antonio Candido, Wilson Martins, Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Nicolau Sevcenko, Luís Costa Lima, entre outros. As artes visuais também têm conseguido expandir seu diálogo com a sociedade, seja por meio de exposições fundamentadas por pesquisas sistemáticas, como a série sobre a arte brasileira *Mostra do Redescobrimento – Fundação Bienal de São Paulo* (2000), organizada por Nelson Aguilar, seja pela reflexão sintonizada com preocupações das ciências sociais, como *Fragmentos Urbanos: Representações Culturais* (2000), de Annateresa Fabris. Com publicações e interações de diversa natureza, tais comunidades têm colocado a produção mais recente da pesquisa e reflexão acadêmica para além dos muros da própria disciplina.

Cabe indagar aqui, quais seriam os motivos para o relativo isolamento da musicologia brasileira, seu diálogo precário com as demais disciplinas e a limitação de seu impacto social à disponibilização de produtos sonoros – sobretudo, concertos e CDs. A musicologia brasileira deveria estar integrada no conjunto das reflexões das ciências hu-

manas e sociais, especialmente a crítica cultural, e suas contribuições deveriam transcender a sua própria província.

Evocamos as colocações lúcidas do musicólogo Regis Duprat, ao discutir as “Perspectivas para a musicologia na universidade brasileira”, sobre a importância de nos perguntarmos “em que a sociedade precisa de nosso trabalho?”, bem como de ouvirmos “os não-musicólogos e até os não-músicos para que possamos incorporar às nossas reflexões a visão hexógena sobre a nossa atividade”. Indicando o termômetro de nossa disciplina, Duprat pondera: “Afim, a opinião da sociedade sobre um empreendimento é o supremo critério de sua validade, o sinal verde para as nossas aventuras e a tolerância para as desventuras...” (Duprat, 2004, p. 8). O desafio de trazer os frutos da pesquisa musicológica para um âmbito de maior repercussão e relevância para a universidade e a sociedade implica, necessariamente, na possibilidade de interlocução com tais comunidades, algo que tem ocorrido apenas muito esparsa e precariamente.

Suspeitamos que o relativo isolamento da musicologia brasileira se deva menos aos obstáculos que o conhecimento técnico da linguagem musical coloca aos especialistas de outras áreas e ao público em geral, mas sobretudo à sua desatualização teórico-conceitual. Todos os estudos históricos, antropológicos, sociológicos, literários e visuais evocados anteriormente se alinham com as abordagens mais atualizadas de suas disciplinas e, em sua maioria, manifestam substantiva transdisciplinaridade.

Negando as origens em posturas abrangentes de Mário de Andrade, Renato Almeida e Luis Heitor Correia de Azevedo, a pesquisa musicológica brasileira tem se polarizado em duas vertentes: a sócio-antropológica e a histórica. Enquanto a vertente sócio-antropológica, que se auto-define como etnomusicologia, tem se mostrado sensível a mudanças paradigmáticas de suas disciplinas referenciais, a musicologia histórica brasileira tem permanecido, em grande medida, alheia às questões que têm promovido a renovação contínua nas demais

disciplinas. Há de se reconhecer que a contínua interação entre etnomusicólogos e antropólogos, muitas vezes encontrada no mesmo pesquisador – como é o caso de José Jorge de Carvalho, Hermano Vianna, Rafael Bastos, Elisabeth Travassos e Tiago de Oliveira Pinto –, tem sido chave para a crescente relevância da etnomusicologia brasileira no cenário mais amplo. A atuação de antropólogos na musicologia, como Ruben George Oliven, assim como a formação de etnomusicólogos nos departamentos de antropologia e sociologia, como é o caso de Carlos Sandroni e José Roberto Zan, têm sido extremamente benéfica para o desenvolvimento plural desse campo de estudos. Em menor escala, não menos significativa, é a contribuição advinda da sociologia, como a de Waldenyr Caldas e Santuza Cambraia Naves.

Os poucos trabalhos que têm trazido novas abordagens e ampliado o campo teórico-conceitual sobre a música e o discurso historiográfico-musical no Brasil são muitas vezes oriundos de pesquisadores alocados em outras disciplinas, como é o caso da contribuição do historiador Arnaldo Daraya Contier com “A música brasileira no séc. XIX: a construção do mito da nacionalidade” (1977), *Música e ideologia no Brasil* (1985) e “Música no Brasil: história e interdisciplinaridade, algumas interpretações” (1991); o consagrado trabalho de José Miguel Wisnik (músico alocado academicamente nas Letras), *O coro dos contrários* (1977), sobre a música na Semana de Arte Moderna de 1922; e, mais recentemente, do excelente estudo *O Brilho da Supernova: A Morte Bela de Carlos Gomes* (1995), do historiador Geraldo Mártires Coelho. Muito excepcionalmente as transformações ocorridas nas ciências históricas têm se feito sentir na produção daqueles poucos musicólogos brasileiros que tiveram uma formação substancial na *nouvelle histoire*.

Reiterando nossas reflexões expostas em trabalhos anteriores (“Uma nova musicologia para uma nova sociedade” e “Análise musical e contexto: propostas rumo à crítica cultural”, 2004), a desatualização teórico-conceitual da musicologia brasileira deve ser analisada à luz do

desenvolvimento da musicologia internacional nos últimos 40 anos, período de intenso questionamento de seus paradigmas, bem como da tradição consolidada do pensamento social brasileiro. Enquanto se faz necessário refletir sobre os efeitos que tais questionamentos, surgidos dentro e fora da musicologia, terão na nossa análise crítica sobre a construção historiográfico-musical brasileira, é imperativo que tal reflexão considere o pensamento brasileiro sócio-antropológico, histórico e crítico, formado por longa tradição. Enquanto problematizarmos a historiografia musical brasileira sob o crivo crítico à postura predominantemente positivista e aos paradigmas que têm guiado a disciplina – o evolucionismo, organicismo, o historicismo, a idéia de *Zeitgeist*, a idéia de “estilo musical”, a idéia de “música absoluta”, o formalismo, o nacionalismo e a construção do canon musical–, afinando-nos, portanto, com a etnomusicologia na crítica acirrada ao etnocentrismo e na reivindicação do relativismo cultural, urge buscar uma identidade própria na escola plural do pensamento brasileiro formado nas ciências humanas e sociais.

A valorização de abordagens alinhadas com uma história sócio-cultural da música tem sido bem sucedida em trabalhos realizados nos domínios institucionais da história (Avelino Pereira 1995; Marcos Napolitano 1998, 2004; Mônica Leme 2005) e da antropologia (Lenita Nogueira 2001), bem como aqueles desenvolvidos ao abrigo institucional da musicologia sob a orientação de historiadores de formação (Márcio Páscoa 1997).

No cenário internacional das últimas décadas, nota-se a influência da postura da etnomusicologia perante o discurso historiográfico-musical, e sobretudo as contribuições teóricas da antropologia, da hermenêutica, do pensamento crítico pós-estruturalista e pós-moderno, num grupo que auto-denominou-se Nova Musicologia e caracterizou-se por introduzir temas tabus na musicologia, como a crítica feminista, a teoria dos gêneros, a história da sexualidade, a homossexualidade

e posturas revisionistas da relação entre música e historiografia musical e a política. As vertentes críticas da musicologia internacional absorveram as teorias antissubjetivistas da arqueologia e da genealogia de Foucault, a insatisfação para com a idéia de que o sujeito justifica um texto, e indo além das questões de intencionalidade do autor e da intertextualidade, buscam estruturas de pensamento ocultas que condicionam ou controlam discursos e práticas sociais. Enfatizam o reconhecimento da localização e posicionamento de subjetividades e objetividades construídas historicamente, de modo que a música deva ser compreendida dentro de uma determinada ordem cultural. Propõem um reconhecimento mais profundo das ações situadas numa rede de ações e negociações, não apenas do objeto de estudo, mas inclusive da própria musicologia, na tentativa de evitar histórias hegemônicas, trazendo implicações políticas para a própria disciplina. Colocam ainda o reconhecimento de discursos heteroglóssicos, da pluralidade de visões, e a descentralização do sujeito reconhecendo seu processo de significação fragmentário, incoerente e em construção permanente. Exploram as possibilidades do pensamento pós-moderno na renovação do discurso musicológico e no questionamento ou desconstrução do conhecimento estabelecido sobre a música do passado.

De maior consequência para as mudanças paradigmáticas da musicologia é a desconstrução de oposições, como o musical e o extramusical, música e contexto, música e linguagem, o hermenêutico e o historiográfico, fato e valor, intrínseco e extrínseco. Igualmente, a inserção da economia da comunicação redefine o objeto musical, o qual não se limita à obra, mas envolve as condições de composição, performance, reprodução e recepção, e abrange o efeito performativo da música, cuja ação não-mediada confere poder a pessoas, instituições e grupos sociais que controlam a sua produção. Autores engajados com a Nova Musicologia afirmam que os pensamentos pós-estruturalista e pós-moderno podem transformar a musicologia num estudo contestador, numa teoria e prática de subjetividades musicais, no qual o trab-

alho positivista ou analítico adquire sentido somente se relacionado a um tipo de ação humana historicamente situada.

Uma parcela menos polêmica, embora extremamente representativa das novas tendências da musicologia internacional, tem se engajado em abordagens enriquecedoras para o alinhamento da musicologia com a história cultural. Com diversas vertentes, exploraram a história institucional, a história das idéias, a história social e a sociologia da música, a história da recepção, as teorias do orientalismo e do nacionalismo, a retórica dos gêneros musicais e abordagens revisionistas dos estudos estilísticos.

A “mudança de paradigmas” pela qual tem passado a musicologia internacional (Kerman 1991) vem atingindo apenas muito lentamente o pensamento musicológico brasileiro. Esses desdobramentos da musicologia internacional das últimas décadas têm tido repercussão eventual nas posturas teórico-conceituais da produção musicológica brasileira atual, entre as quais podemos citar os estudos sobre a mulher na música brasileira e os voltados para abordagens etnomusicológicas sobre assuntos convencionalmente tratados como objeto exclusivamente histórico.

Aproximar a musicologia histórica da etnomusicologia e da antropologia cultural requer um novo direcionamento teórico que possibilite uma abordagem etnográfico-antropológica de assuntos históricos. A proposta inicial da musicologia internacional (Tomlinson 1984, 1993) teve repercussão na musicologia brasileira (Volpe 1991; Lucas 2001) sob o estímulo de Gerard Béhague, musicólogo e etnomusicólogo. Oriunda de correntes históricas e antropológicas bastante consolidadas no Brasil, tal aproximação tem-se realizado sobremaneira na crítica cultural e nas reflexões de José Jorge de Carvalho (1992; 1999) e Rafael Bastos (2005), bem como na intersecção com a História Nova, em trabalhos como os de Régis Duprat (1994) e Diósnio Machado Neto (2005). E ainda, as teorias do exotismo e do nacionalismo têm repercutido nos estudos de Casarré (2003) e Virmond, Nogueira e Marin (2006).

O diálogo entre a musicologia histórica e a etnomusicologia tem sido a preocupação de diversos estudiosos, como meu saudoso orientador Gerard Béhague, Regis Duprat, Manuel Veiga, Maria Elisabeth Lucas, Rafael Bastos, Samuel Araújo, José Jorge de Carvalho, Martha Ullhôa, Cristina Magaldi, Diósnio Machado Neto, eu mesma e muitos outros, e tem repercutido nos trabalhos de Mônica Leme, Márcia Taborda, Edilson de Lima, entre outros. Entretanto tal vertente ainda não se constituiu num movimento que articule as diversas propostas dentro de um quadro teórico mais amplo e aguarda, portanto, discussões mais sistemáticas sobre seus problemas conceituais.

Entre os musicólogos brasileiros preocupados com os problemas teórico-conceituais da área, figura Regis Duprat, cujo artigo “Análise, musicologia, positivismo” (1996, originalmente apresentado no Encontro Nacional da ANPPOM em 1992) pode ser considerado um divisor de águas nas discussões sobre o assunto no Brasil. Pela primeira vez se discutiu o estruturalismo à luz da hermenêutica moderna. Outra contribuição importante é a de Ricardo Tacuchian (1992, 1994), que abordou o problema do pós-modernismo com a preocupação central de entender a criação musical brasileira recente e dedicou-se à reflexão sobre contribuição da pesquisa musicológica à produção e recepção da música contemporânea. Mais recentemente, o trabalho apresentado por Duprat no I Encontro de Musicologia de Ribeirão Preto (2003), “Linguagem musical e criação”, publicado na revista *Brasiliana* (2005), da Academia Brasileira de Música, trouxe uma nova perspectiva para questões que raramente são abordadas como um conjunto interdependente, como o problema da linguagem na música contemporânea, sua recepção, formação de público e mercado, em estreita relação com os problemas da análise, musicologia e hermenêutica.

As soluções encontradas pela musicologia internacional não são necessariamente a panacéia para a musicologia brasileira. Mais do que uma mudança conceitual, trata-se de uma mudança ideológica que implica numa política institucional da disciplina bem como a ação política

de um grupo, de uma comunidade. Preocupam-me as nossas especificidades culturais, para que possamos estabelecer prioridades que tenham representatividade na sociedade brasileira mais ampla. Penso que nossas reflexões devam se ocupar de algumas questões fundamentais, tais como: De que maneira a musicologia brasileira pode responder às questões atuais? Em que medida as questões eleitas pela musicologia internacional podem contribuir para a musicologia brasileira atual?

Uma das colocações de longo alcance dessa comunidade que permanece na vanguarda da musicologia internacional, foi expressa por Philip Bohlman, em “Musicologia como ato político” (1993), artigo que constituiu um verdadeiro manifesto, exortando a que a musicologia assuma responsabilidade moral sobre a atual crise intelectual e social. A disciplina costuma equivocadamente se colocar numa posição apolítica, respaldada em grande parte por suposta “autonomia” de seu objeto de estudo. No entanto, a musicologia, reconheça-se ou não, é agente importante na política cultural e na construção do saber, e seus quadros metodológicos, ideológicos e institucionais têm grande impacto na historiografia musical.

Reconhecemos que a etnomusicologia brasileira tem delineado a sua identidade própria, em constante interlocução com a etnomusicologia internacional e o pensamento sócio-antropológico brasileiro. Além disso, tem tomado rumos significativos quanto à sua participação nas questões sociais, políticas e culturais de interesse imediato da sociedade mais ampla. Evocamos aqui a contínua contribuição de José Jorge de Carvalho, Rafael Bastos, Samuel Araújo e Elisabeth Travassos.

Visamos uma identidade própria para a musicologia histórica brasileira; que esta se enriqueça, porém não constitua mera réplica das visões interpretativas construídas pelas diversas correntes da musicologia internacional. Paralelamente a um acompanhamento crítico-reflexivo dos problemas teórico-conceituais levantados pelas tendências recentes da musicologia internacional, propomos maior atenção ao

quadro crítico já desenvolvido pela comunidade acadêmica brasileira das ciências sociais e humanas, cujo longo empenho por uma identidade própria atingiu reconhecido amadurecimento. Nessa linha de reflexão, faz-se extremamente necessário um estudo crítico do pensamento musicológico brasileiro em seus diversos quadros interpretativos, no qual as críticas e propostas mais recentes sejam contempladas *vis a vis* da tradição historiográfico-musical brasileira.

Decidir sobre que tipo de musicologia queremos, implica em decidir que tipo de sociedade queremos, o que nos lança para horizontes que visam o futuro. A crítica cultural concebida de maneira mais ampla parece ser a proposta da musicologia internacional mais frutífera e conseqüente para o caso brasileiro, pois instiga a buscar novos quadros interpretativos para a nossa história e o nosso presente musical. Diversas correntes, como as teorias do exotismo e do nacionalismo, de gênero e sexualidade, a etnografia histórica, a formação do canon ou do museu musical, a crítica ideológica, a desconstrução – e até mesmo a história da recepção, a história institucional, a história das idéias, a história social, a sociologia da música e as novas abordagens dos estudos estilísticos – têm como denominador comum a crítica cultural, levando na maior parte das vezes ao questionamento de valores e visões tradicionais, com maior ou menor ênfase no reconhecimento da natureza política da interpretação e do conhecimento como poder (Foucault).

Propomos aqui uma interação mais efetiva da musicologia com as outras disciplinas. A transdisciplinaridade emerge da constante preocupação por alternativas que permitam a elaboração de um discurso musicológico que transcenda as fronteiras da própria disciplina, sem abandonar, no entanto, as especificidades técnicas da linguagem musical. Para tanto, é necessário ter sempre em vista a intra-disciplinaridade evocada por Duprat (2005), ou seja, intensificar a interação entre as sub-áreas da própria música: a musicologia (no sentido *tout court*), a prática interpretativa, a composição e a educação musical. A intradis-

ciplinaridade e a transdisciplinaridade são imprescindíveis para que a música venha a ocupar o seu merecido espaço na universidade.

O conteúdo das reflexões aqui propostas mantém estreito vínculo com o programa de pós-graduação em música, pois além de propor uma visão crítica das novas tendências da musicologia internacional, contempla o seu potencial impacto na musicologia brasileira e preza pela busca por uma identidade própria. As questões abordadas são fundamentais não apenas para o conteúdo das disciplinas oferecidas, como também para a filosofia do programa de pós-graduação. Visamos, prioritariamente, contribuir para o avanço qualitativo dos cursos de mestrado, e sobretudo debater a identidade dos programas de pós-graduação, sua inserção na universidade e na sociedade, bem como os caminhos para integração entre musicologia e outros campos de conhecimento. Consideramos, portanto, abordar aspectos relevantes para a identidade e expansão dos programas de pós-graduação em música, bem como contribuir mais amplamente para o debate sobre o papel da musicologia na universidade brasileira. Nossas reflexões sobre as novas musicologias e o programa de pós-graduação têm como horizonte a possibilidade de que a musicologia se torne efetivamente uma interlocutora das outras áreas de conhecimento e, sobretudo, de que ela cumpra o seu compromisso de integração entre o conhecimento produzido na universidade e a sociedade.

Referências

AGUILAR, Nelson; Fundação Bienal de São Paulo. Mostra do Redescobrimiento: o olhar distante. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

ARAÚJO, Samuel. "Identidades brasileiras e representações musicais: músicas e ideologias da nacionalidade", *Brasiliana, Revista da Academia Brasileira de Música* 4 (Janeiro 2000): 40-48.

BASTOS, Rafael. "Les Batutas, 1922: uma antropologia da noite parisiense", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 20, n. 59 (2004): 177-196.

BÉHAGUE, Gerard. "National style versus nationalism: Villa-Lobos's eclecticism", in Heitor Villa-Lobos: The Search for Brazil's Musical Soul. University of Texas at Austin: Institute of Latin American Studies, 1994.

BÉHAGUE, Gerard. "Reflections on the Ideological History of Latin American Ethnomusicology". In *Comparative Musicology and Anthropology of Music: Essays on the History of Ethnomusicology*. Bruno Nettl & Philip Bholman (eds.). Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

BOHLMAN, Philip. "Musicology as a political act", *Journal of Musicology* 11/ 4 (1993): 411-436.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CARVALHO, José Jorge de. "O lugar das culturas tradicionais na sociedade moderna". In *Seminário Folclore e Cultura Popular, INF/Coordenadoria de Estudos e Pesquisas*, Rio de Janeiro: IBAC, pp. 23-38, 1992.

CARVALHO, José Jorge. "Transformações da sensibilidade musical contemporânea", *Horizontes Antropológicos, Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, ano 5, n. 11 (1999): 53-91.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAZARRÉ, Marcelo Macedo. "Exotismo e Folclorismo na obra de Arthur Napoleão (1843-1925), Monografia. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

COELHO, Geraldo Martires. *O brilho da supernova: a morte bela de Carlos Gomes*. Rio de Janeiro: Agir; Belém: Universidade Federal do Pará, 1995.

CONTIER, Arnaldo Daraya. "A música brasileira no séc. XIX: a construção do mito da nacionalidade". In *As Artes no Brasil do século XIX*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

_____. Música e ideologia no Brasil. 2nd. ed., São Paulo: Editora Novas Metas, 1985.

_____. "Música no Brasil: história e interdisciplinaridade, algumas interpretações", in: Anais do XVI Simpósio da Associação Nacional de Professores de História; História em Debate: problemas, temas e perspectivas (Rio de Janeiro, 1991). São Paulo: InFour/ CNPq, 1991: 151-189.

DAHLHAUS, Carl. Foundations of Music History. 1977. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

DUPRAT, Regis. "Análise, musicologia, positivismo", Comunicação ao VII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, ANPPOM. Bahia agosto de 1992, publ. in: Revista Música (Departamento de Música/ ECA-USP) 7/ 1 e 2 (1996): 47-58.

_____. "Bases metodológicas da Musicologia Histórica", Comunicação ao VII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, ANPPOM. São Paulo setembro de 1994.

_____. "Perspectivas para a musicologia na universidade", in: Anais do II Encontro de Pesquisa em Música da Universidade Estadual de Maringá. Coord.: Bernhard Fuchs. Maringá, PR: Massoni, 2004: 18-33.

_____. "Linguagem musical e criação", Brasiliana, Revista da Academia Brasileira de Música, 19 (Janeiro 2005): 12-21.

KERMAN, Joseph. Contemplating Music: Challenges to musicology. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

KERMAN, Joseph. "American Musicology in the 1990s", Journal of Musicology 9/ 2 (1991): 131-142.

KRAMER, Lawrence. Music as Cultural Practice: 1800-1900. Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press, 1990.

_____. Classical Music and Post-Modern Knowledge. Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press, 1995.

LEME, Mônica Neves. E saíram à luz as novas coleções de polcas, modinhas e lundus: música popular e impressão musical no Rio de Janeiro

(1820-1920). Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2006.

LIMA, Edilson. "O Baixo Cantante do Choro: A Herança Viva da Tradição Colonial Brasileira?". *Brasiliana, Revista da Academia Brasileira de Música* 22 (2006): 9-16.

LUCAS, Maria Elisabeth. "Wonderland Musical: notas sobre as representações da música brasileira na mídia americana", *TRANS (Transcultural Music Review)*, 1995. Disponível em: <http://www.2.uji.es/trans/trans2/LUCAS.html>

_____. "Rio de Janeiro 1670-1720: musicologia de fragmentos a partir de fontes inquisitoriais", *A Música no Brasil Colonial, I Colóquio Internacional/ Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2000* (2001): 35-71.

MACHADO NETO, Diósnio. "O'atalaia da fé' contra as máculas do século: o missionário música Ângelo de Siqueira", *Opus 11* (2005): 63-97.

MAGALDI, Cristina. *Music in Imperial Rio de Janeiro: European Culture in a Tropical Milieu*. Lanham, Maryland: Scarecrow Press, 2004.

NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes Nogueira. *Música em Campinas nos últimos anos do império*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

NOVAIS, Fernando A. (org.). *História da vida privada no Brasil*. 4 vols. Companhia das Letras, 1997-99.

NAPOLITANO, Marcos. "A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981)", *Revista Brasileira de História* vol.18 n.35 (2004): 103-126.

NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA, Mariana Martins. "Tropicalismo: As Relíquias do Brasil em Debate", *Revista Brasileira de História* vol.24 n.47, São Paulo, 1998:

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PÁSCOA, Márcio Leonel Farias Reis. *A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha (1850-1910)*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1997.

PEREIRA, Avelino Romero Simões. *Música, Sociedade e Política: Alberto Nepomuceno e a República Musical do Rio de Janeiro (1864-1920)*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, IFCS, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TABORDA, Márcia. *Violão e Identidade Nacional: Rio de Janeiro – 1830/1930*. Tese de doutorado. PPGH/ UFRJ, 2004.

TACUCHIAN, Ricardo. “Pós-moderno e a música”, *Em Pauta, Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, IV/ 5 (Jun 1992): 24-31.

_____. “Pesquisa Musicológica e Vida Musical Contemporânea”, *Revista da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea*, v. 1, n. 1, p. 13-16, 1994.

TOMLINSON, Gary. “The web of culture: a context for musicology”, *19th-Century Music* 7 (1984): 350-362.

_____. *Music in the Renaissance Magic: Toward a Historiography of Others*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1993.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. “Repente e música popular: a autoria em debate”, *Mana - Estudos de Antropologia Social* v. 1, n. 1 (1999): 6-15.

ULHÔA, Martha Tupinambá. “Representação: paralelos entre a nova história cultural e a etnomusicologia”, *ART - Revista da Escola de Música da UFBA* 22 (dez.1995): 121-128.

_____. *Transmissão oral e escrita: uma reflexão*. In: *II Encontro Nacional da ABET, 2004, Salvador, Ba. Etnomusicologia: lugares e caminhos, fronteiras e diálogos, 2004*.

VEIGA, Manuel. *Toward a Brazilian Ethnomusicology: Amerindian Phases*, Los Angeles, 1981. Tese de Doutorado, University of California. Publ. in SOTUYO BLANCO, Pablo (org.), *Por uma etnomusicologia brasileira: Festschrift Manuel Veiga*. Salvador:UFBA, 2004.

_____. "Projeto NEMUS: Impressão Musical na Bahia". Disponível in <http://www.nemus.ufba.br>

VIRMOND, Marcus C. L. ; NOGUEIRA, Lenita W. M. ; MARIN, R. M. T.. "Exoticismo e orientalismo em Antônio Carlos Gomes". In: XVI Congresso da ANPPOM, 2006, Brasília. Anais do XVI Congresso da ANPPOM, 2006. v. 1. p. 535-541.

VOLPE, Maria Alice. "Irmandades e Ritual em Minas Gerais durante o Período Colonial – O Triunfo Eucarístico de 1733", Revista Música (Departamento de Música da ECA-USP) 8/ 1 e 2 (1997): 5-55.

_____. *Indianismo and Landscape in the Brazilian Age of Progress: Art Music from Carlos Gomes to Villa-Lobos, 1870s-1930s*. Ann Arbor, Michigan: UMI Research Press/ UT-Austin, 2001.

_____. "Remaking the Brazilian myth of national foundation: Il Guarany", *Latin American Music Review/ University of Texas Press*, 24/ 2 (2002): 179-194.

_____. "Uma nova musicologia para uma nova sociedade", in: *Anais do II Encontro de Pesquisa em Música da Universidade Estadual de Maringá*. Coord.: Bernhard Fuchs. Maringá, PR: Massoni, 2004: 99-110.

_____. "Análise musical e contexto: propostas rumo à crítica cultural", *Debates (Revista do Programa de Pós-Graduação da Uni-Rio)* 7 (2004): 113-136.

WISNIK, José Miguel. *O Coro dos Contrários: a música em torno da semana de 22*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

_____. "Algumas questões de música e política no Brasil", in: BOSI, A. (org.), *Cultura e Política. Temas e Situações*. São Paulo: Ática, 1987, pp. 114-123.